

LES DESTINS DE MANOEL / 1985 *(Os Destinos de Manoel)*

um filme de Raul Ruiz

Realização: Raul Ruiz / **Argumento:** Raul Ruiz, a partir de uma ideia original de João Botelho e Leonor Pinhão / **Direcção de Fotografia:** Acácio de Almeida / **Música:** Jorge Arriagada / **Som:** Vasco Pimentel / **Maquinista:** Vasco Sequeira / **Interpretação:** Ruben de Freitas (Manoel com oito anos), Marco Paulo Freitas (Manoel com treze anos), Fernando Heitor (pai de Manoel), Teresa Madruga (mãe de Manoel), Vasco Pimentel (o professor), Diogo Dória, Aurelie Chazel, Vasco Sequeira, etc.

Produção: Les Films du Passage, Rita Filmes, RTP / **Produtores:** A. Castro Neves e Paulo Branco / **Cópia:** dcp, colorida, versão original em português, 170 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Integralmente rodado na Madeira, **Les Destins de Manoel** resultou de uma co-produção luso-francesa, em mais um sinal da importante relação entre o cineasta chileno e Portugal - e lembremos que muitos filmes do cineasta foram produzidos por Paulo Branco, que também aqui desempenhou esse papel. Paralelamente à versão que vamos ver (que tem vários títulos alternativos, como **Manoel na Ilha das Maravilhas**), que corresponde a uma montagem para exibição televisiva em formato de mini-série, houve também uma versão para as salas de cinema, relativamente mais curta (em cerca de meia-hora).

Como em vários destes filmes portugueses de Ruiz na primeira metade da década de 1980, em **Les Destins de Manoel** há uma confrontação muito precisa: por um lado o universo local, neste caso madeirense, com as tradições, mitos e imagens que mais lhe são característicos, e por outro o universo particular de Ruiz, universo muito mais "universalista", passe o pleonasma. Ora o universo do cineasta vem carregado de uma mundivivência que transcende as questões estritas da "nacionalidade" (e recorde-se que Ruiz abandonou o Chile depois da subida ao poder de Pinochet, passando então a viver no exílio) abrindo-se para a tradição cultural ocidental, mas não apenas a ocidental, entendida em termos globais. O mundo da literatura e das referências literárias, sobretudo, é uma das marcas mais fortes do cinema de Ruiz. No "programa" do filme, notamos então esse dado essencial: respeitando o contexto específico da Madeira (e sabendo incorporar pormenores retirados da tradição e da história local) Ruiz consegue pô-lo em interacção com uma série de elementos que, sendo-lhe

estranhos, servem acima de tudo para, sobre ele, erguer um novo olhar. A relativa "estranheza" do mundo deste filme provém do facto de ser, afinal de contas, um local concreto transfigurado por outros e não menos estranhos "mundos mentais" trazidos por Ruiz.

De resto, como quase todos os filmes de Ruiz, **Les Destins de Manoel** passa por ser, mais do que uma ficção, um exercício sobre o próprio conceito de ficção. Daí que, neste sentido, não haja nada de mais natural do que o cruzamento ficcional das mais variadas mitologias - da "Ilha do Tesouro" ao "Holandês Voador", passando por uma série de "contos de fadas", há de tudo um pouco dentro do filme - que vai do surrealismo à política. Ainda neste contexto, Ruiz filma a ficção como se ela fosse uma espécie de "rede" que aprisionasse as personagens. Nalguns momentos, é disso literalmente que se trata: o primeiro segmento, que mostra como a personagem de Manoel fica enredada numa série de fluxos narrativos, que se repetem de uma ou de outra maneira e acabam por funcionar como uma condenação das personagens à ficção, à sua condenação de personagens de ficção, de ficções dentro de outras ficções (o "racconto", as histórias incrustadas dentro de outras histórias, são uma figura essencial do filme). O universo de Ruiz existe na medida em que pode ser efabulado, e existe *apenas* a partir da efabulação.

Num tal universo muito facilmente o espectador se perde. Mas, como vamos ver, é aí que está todo o prazer que se retira do visionamento do filme.

Luís Miguel Oliveira